

Toques, passes e cruzamentos: comunicação como práxis e o protagonismo feminino na ressignificação dos espaços de torcida em Curitiba¹

Jeniffer Thais MOREIRA²

Wellington Teixeira LISBOA³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Resumo

Este artigo analisa a reconfiguração das arquibancadas de futebol a partir da perspectiva de gênero e da comunicação interacional. Tomando como objeto as partidas realizadas em Curitiba com público restrito a mulheres, crianças, idosos e PCDs, o trabalho investiga como a violência estrutural e simbólica molda o acesso ao "reino da liberdade" futebolístico. Fundamentado na teoria da comunicação praxiológica (França, 2016), o estudo propõe que as vivências nessas arquibancadas são mais do que resultado de sanções e que, se ressignificadas, operam como táticas de resistência e novas formas de subjetivação nas arquibancadas.

Palavras-chave

Futebol; Violência de Gênero; Comunicação Interacional; Mulheres torcedoras.

Introdução

Eduardo Galeano atribui ao filósofo Antonio Gramsci a afirmação de que “o futebol é um reino da liberdade humana exercido ao ar livre” (Galeano, 2009, p. 9). No entanto, a universalidade dessa liberdade é tensionada por barreiras estruturais que delimitam quem pode, efetivamente, habitar esse espaço. Se o futebol é um direito ao lazer, sua fruição é mediada por algumas barreiras, dentre elas, por marcadores de gênero que impõem restrições institucionais, midiáticas e físicas às mulheres. O presente trabalho, parte de uma monografia em andamento, propõe uma reflexão teórico-conceitual sobre a reconfiguração do espaço das arquibancadas a partir de um fenômeno jurídico-esportivo ocorrido pela primeira vez em Curitiba e que começou a ser aplicado a nível nacional: a substituição de penas

¹ Trabalho apresentado no Espaço Graduação, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Graduanda do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. E-mail: jeniffermoreira@alunos.utfpr.edu.br.

³ Professor do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. E-mail: wtlisboa@utfpr.edu.br.

de jogos que ocorreriam com "portões fechados" (ou seja, sem a torcida nas arquibancadas), para a liberação de um público composto por mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência (PCDs). Dessa forma, questiona-se se essas vivências comunicacionais compartilhadas funcionam como táticas de resistência e construção de identidades em espaços historicamente masculinizados. O objetivo desta investigação é, portanto, compreender as dimensões comunicacionais e interacionais que emergem quando o corpo feminino (e demais grupos minorizados) ocupa o centro da experiência torcedora.

O futebol como território da masculinidade e da violência

A leitura de Goellner (2005) de que o futebol é um território "essencialmente" masculino encontra eco nos dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022). O aumento de 23,7% nas ameaças contra mulheres e de 25,9% em lesões corporais dolosas em dias de jogos em "casa" demonstra que o estádio e seu entorno se configuram como palcos de reprodução de violência de gênero. Nesse contexto, tentativas de mitigação por meio de Projetos de Lei, como o PL n.º 4.842/2023 em nível nacional e proposições na Câmara Municipal de Curitiba (Curitiba, 2023; Curitiba, 2025), revelam a necessidade de institucionalizar o combate à misoginia no futebol. Contudo, a violência no futebol não pode ser compreendida como fenômeno estritamente interpessoal. Sousa (2023) distingue o "vetor horizontal" (agressões interpessoais marcadas por racismo, xenofobia e homofobia) do "vetor vertical", que diz respeito à atuação estatal, caracterizada por uma abordagem predominantemente repressiva. Quando iniciativas de transformação social são implementadas, restringem-se a campanhas educacionais pontuais, de baixo impacto e que negligenciam tanto as raízes culturais das masculinidades tóxicas (Sousa, 2023, p. 9-10) quanto a responsabilidade de agentes institucionais, Estado e organizações clubísticas na produção e reprodução de um ambiente estruturalmente violento para as mulheres.

A experiência de Curitiba: a comunicação como práxis e interação nas arquibancadas

Em 2023, o cenário curitibano vivenciou uma ruptura aos procedimentos até então estabelecidos. Como sanção a episódios de violência entre torcidas organizadas dos clubes Coritiba e Athletico Paranaense, o Tribunal de Justiça Desportiva do Paraná (TJD-PR) determinou que três partidas seriam realizadas com público restrito. A justificativa residia no fato de que os tumultos precedentes foram causados por homens e não por mulheres ou crianças (Apenas, 2023), e a decisão, até então inédita no Brasil, abriu precedentes para outras experiências semelhantes. Se "não se nasce mulher, torna-se" (Beauvoir, 1967, p. 9), pode-se pensar, por consequência, que o "tornar-se torcedora" em um estádio sem a presença majoritariamente masculina permite a emergência de novas disputas em campo, ou continua a reforçar pressupostos hegemônicos? Partindo da concepção de comunicação praxiológica de França (2016), que define o comunicar não como transmissão de informações, mas sim como experiência humana e relacional, podem-se produzir algumas dinâmicas em jogo.

A primeira dinâmica diz respeito à identidade da torcedora, que não é "pré-construída", mas composta na interação com um ambiente que é simultaneamente de paixão (pelo clube, pelo esporte) e de opressão (pelo machismo e demais formas de opressão presentes). Pode-se problematizar, por exemplo, os efeitos que as medidas de jogos com torcida limitada causam na prática, pois, ao mesmo tempo em que essa decisão provoca um deslocamento simbólico ao promover a interação entre as mulheres e as arquibancadas, também transforma esses cenários em "exceção", validando a presença de mulheres nos estádios apenas nos contextos de punição.

Contudo, se considerarmos que os sujeitos "são afetados e se modificam no curso das interações" (França, 2016, p. 162), podemos pensar também que mulheres não apenas adentram no estádio nesses cenários de exceção; elas têm a capacidade de transformar o espaço e serem mudadas por ele por meio de interações "potencialmente dinâmicas e imprevisíveis" (França, 2016, p. 162). Nesse sentido, as metáforas presentes no título do presente trabalho se justificam: os "toques" são a práxis individual (ação e apropriação); os "passes" são a produção de experiência (ser afetado e agir); e os "cruzamentos" são a interação reflexiva com o outro (as afetações). As vivências comunicacionais das mulheres

nos estádios em Curitiba são, portanto, o próprio jogo: uma prática interacional, situada, de produção de sentidos e de posicionamento de si em um campo em disputa.

Considerações finais

A análise aqui empreendida de forma mais conceitual e teórica compreende que a experiência dos jogos em Curitiba com público restrito demonstra que a arquibancada é, além de um espaço que é palco de episódios que vão do lazer à violência generalizada, também um campo de disputa de sentidos, pois, ao retirar a centralidade da masculinidade hegemônica e dar espaço para mulheres torcedoras, o que surge como uma sanção jurídica revela-se um laboratório social e de registro da existência e resistência das mulheres em contraponto à exclusão sistemática desse público da história do esporte mais popular do país. Contudo, faz-se necessária também a problematização dessas medidas, questionando se não produzem tanto para o público hegemônico quanto para as próprias mulheres torcedoras a percepção de que a sua presença nas arquibancadas é validada apenas em “caráter de exceção”.

Como desdobramento da fundamentação teórica aqui apresentada e que compõe uma monografia em andamento, a pesquisa em curso prevê a realização de investigações empíricas orientadas por dois procedimentos metodológicos complementares: observação participante em um jogo com torcida restrita (modalidade de público limitado a mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência, conforme discutido anteriormente) e a realização de entrevistas em profundidade com torcedoras do Athletico Paranaense e do Coritiba. Como propõe Costa (2006), as mulheres torcedoras não constituem uma categoria homogênea: suas experiências são múltiplas, diferencialmente posicionadas na matriz de dominação que estrutura tanto a sociedade quanto o campo futebolístico. A pesquisa empírica buscará capturar essa pluralidade, atentando para como diferentes marcadores sociais atravessam e particularizam as vivências das torcedoras do Athletico e do Coritiba, produzindo não uma, mas muitas formas de

ser mulher e torcer.

Referências

APENAS mulheres e crianças poderão ver os primeiros jogos do Campeonato Paranaense em Curitiba. **CBN Curitiba**, Curitiba, 11 jan. 2023. Disponível em: <https://cbncuritiba.com.br/materias/apenas-mulheres-e-criancas-poderao-ver-os-pri-meiros-jogos-do-campeonato-paranaense-em-curitiba/>. Acesso em: 15 fev. 2026.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo - volume 2**. 1967.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, ano 2, n. 4, nov. 2006/fev. 2007. Disponível em: <https://www.leme.uerj.br/wp-content/uploads/2017/02/es405.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CURITIBA. **[Projeto de Lei nº 031.00069.2023]**. Substitutivo Geral ao Projeto de Lei, Proposição nº 005.00029.2023, que "Institui campanha de combate à importunação sexual nos estádios de futebol e demais locais onde se realizam atividades desportivas no Município de Curitiba". Curitiba: Câmara Municipal, 2023. Disponível em: https://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/ProposicaoDetalhesForm.do?select_action=&ordena=031.00069.2023&pro_id=491859&popup=s&chamado_por_link&pesquisa=mulheres%20futebol. Acesso em: 15 fev. 2026.

CURITIBA. **[Projeto de Lei nº 005.00012.2025]**. Institui campanha de combate à importunação sexual nos estádios de futebol. Curitiba: Câmara Municipal, 2025. Disponível em: https://www.cmc.pr.gov.br/wspl/sistema/ProposicaoDetalhesForm.do?select_action=&ordena=005.00012.2025&pro_id=524296&popup=s&chamado_por_link&pesquisa=mulheres%20futebol. Acesso em: 15 fev. 2026.

FRANÇA, V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: C. P; LOPES, M. I. V. (Org). **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143–151, 1 jun. 2005.

SOUSA, R. Violência, acusação e masculinidade: uma análise sobre a violência no futebol carioca a partir dos termos de ajustamento de conduta. **Revista Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 38, 2023.